

## DE UMA FILHA A SEU PAI

Maria Cristina da Fonseca Elia

Por que porta entrar num mundo de lembranças muitas e diversas que guardo de meu pai? Confesso meu embaraço que se deve não só à multiplicidade de aspectos que compõem esse universo de recordações, mas também ao receio de mostrar-me piegas. Como falar de alguém tão íntimo e tão querido sem cair facilmente na cilada do sentimentalismo?

O professor devotado – ouvi-o dizer certa vez, em homenagem que lhe foi prestada na UERJ, que de todos os títulos que possuía, este, o de professor, era aquele do qual mais se orgulhava – o escritor e mestre da língua portuguesa – como o chamavam seus pares – não me atrevo a evocar. Seus colegas de magistério e da investigação lingüística o farão com melhores condições de avaliar sua contribuição e seu mérito. Com toda certeza não tenho a competência que tal tarefa exige e – vamos a mais uma confissão – nós, familiares, sabemos pouco de sua obra. Não se vá pensar tratar-se aqui de indiferença. Não. Trata-se de um traço de personalidade já registrado por vários de seus amigos: a modéstia do Sílvio. Se dependesse dele, não conheceríamos seu valor no âmbito dos estudos lingüísticos. Em casa, papai – gosto de chamá-lo assim, como todos nós, filhos, o chamávamos – quase nada dizia de suas realizações no trabalho. É claro que o víamos em atividade, escrevendo sempre, promovendo reuniões e encontros, organizando congressos, preparando suas aulas, telefonando para seus amigos e conversando com eles; líamos vez ou outra um artigo seu, uma carta publicada em jornais, mas é tudo, ou quase tudo. Não era do feitio de meu pai pôr à vista o que produzia.

Preferindo, portanto, evocar o convívio familiar e a maneira como ele exerceu sua cidadania, sacrificarei o comedimento e me arriscarei naquela “cilada”, deixando-me levar pelo sentimento e pela saudade, ao trazer à luz algumas boas lembranças que tenho de meu pai. Se conseguir ir além do efeito catártico (para mim) desse singelo memorial, poderei dar ao conhecimento de seus amigos e colegas um perfil risonho e curiosos de meu pai que provavelmente ignoravam.

## O pai amigo e carinhoso

Papai gostava de cinema. Aos domingos, levava-me, às vezes, às matinês do Metro Tijuca para assistir ao “Festival Tom e Jerry”. Ele se divertia, dava gostosas risadas e, certamente quando julgava necessário, explicava-me, durante a sessão, pontos cruciais para o entendimento da trama daquelas intermináveis perseguições. Em tempo: eu devia ter em torno de cinco ou seis anos.

Quando papai ia ao cinema com minha mãe, geralmente à noite – mamãe dava aulas num curso noturno e meu pai ia encontrá-la na escola – trazia-nos, para Guida e eu, um “drops” de hortelã “Dulcora” que colocava delicadamente debaixo de nossos travesseiros. De manhã, ao acordar, a primeira coisa que eu fazia era verificar se ele não se esquecera da prenda. Não se esquecia, o “drops” estava sempre lá.

Esse lado brincalhão, alegre e bem humorado não se recolhia durante o carnaval. De um jeito um tantinho moderado, como convinha, “caía na folia”. Comprava-nos serpentinas e confetes. Com as serpentinas enfeitava nossa sala, passando-as de um lado a outro, prendendo-as como podia, nos quadros, na luz, nas plantas. Não se incomodava com aqueles confetes espalhados no chão. Pelo contrário, acho que até gostava de ver o chão colorido. Leva-nos ao baile infantil e nos ensinava a lançar a serpentina por cima das cabeças dos foliões. Era sempre ele quem acabava lançando as serpentinas.

Muito tempo depois, quando cabia a mim levar meus filhos ao baile infantil, meu pai gostava de me acompanhar. Equipava-se com um colar de havaiano pendurado ao pescoço, sentava-se nas cadeiras do salão, e se alegrava, dedinhos no ar, quando ouvia algumas marchinhas eternas. “Se você fosse sincera, ô ô ô Aurora...” Na quarta-feira de cinzas, findo o carnaval, varriamos os confetes e guardávamos o colar de havaiano. Nesse dia ele não comia carne e ouvia, atento, a mensagem do Papa.

Sempre de olho no calendário, papai gostava de festejar as datas. Além do carnaval, a Páscoa, São João, Natal e Ano Novo, sem falar nos aniversários de todos e de tudo, eram celebrados por ele com esmero e afeição. O ano transcorria dos confetes às rabanadas, passando pelos ovos de chocolate, balões, bandeirinhas e fogos de São João.

Havia, na altura dos anos 60, um parque de diversões na Quinta da Boa Vista. Papai levou-me lá. Gostamos tanto, que voltamos algumas vezes. Ele decidia em qual “brinquedo” nós íamos “andar”. Lembro-me de que o “autopista”, carrinhos que davam trombadas entre si, era sempre escolhido. Como minha perna não chegava ao acelerador, ele cuidava dessa parte, e a mim cabia a direção do “carro” isto é, desviar ou não dos outros. “Vamos bater naquele

lá” sugeria ele, ou “Agora vira para cá que vem um em cima de nós”. Minha opinião já era, naquela época, a de que ele se divertia muito naquele parque! Eu não precisava pedir muito. Às vezes eu nem pedia, ele já ia dando a idéia...

É claro, esse passeio, quando acontecia, era sempre num domingo, após a *macarronada familiar*. Era o dia dele na cozinha. Desde o sábado, papai fazia as compras. Tudo tinha que ser escolhido cuidadosamente: a lingüiça calabresa, o queijo parmesão, as azeitonas e... a massa! Ah! A massa... É uma das imagens mais marcantes que guardamos dele, tenho certeza. Papai diante daquele panelão fumegando, colher de pau na mão, provando a massa de vez em quando, dando-lhe o ponto. Depois a escorria e trazia, o rosto feliz de contentamento, aquela imensa travessa de macarrão para a mesa em torno da qual nos sentávamos; à cabeceira ficava ele de onde comandava a folia, ou melhor, o almoço. Passávamos momentos de alegre convívio.

Papai gostava mesmo de passear. Sempre nos deu a impressão de alguém de bem com a vida, que tinha gosto de vivê-la e dela aproveitar cada instante. Em dias de sol e céu azul (desde que não fosse de calorão infernal), era comum ouvi-lo dizer: “Se eu dirigisse e tivesse um carrinho, ia fazer um passeio. Num dia desses não se fica em casa”. Mas às vezes exagerava! Houve uma ocasião – isso deve ter sido nos inícios dos anos 60 – em que ele deveria comparecer a uma cerimônia da Universidade Católica de Petrópolis (talvez fosse uma formatura) que se realizaria no Hotel Quitandinha, num fim de tarde de domingo. Lá fomos nós, um de meus irmãos, habilitado na época, pilotando um Ford. Saímos pela manhã pois primeiro papai queria “dar uma passadinha” por Volta Redonda (nada a ver com a estrada de Petrópolis) para visitar minha irmã que lá morava. Almoçamos em Volta Redonda, voltamos à Avenida Brasil e rumamos para o Quitandinha... Ele achava isso o máximo!

Quando moramos em Lisboa, em 1965 – papai, mamãe e os três filhos menores de então, dentre os quais eu me incluía – não raras vezes saíamos repentinamente numa sexta-feira bem cedinho para voltar no domingo bem tardinho. Nosso destino? Percorrer a Península. Havia um amigo nosso, brasileiro, que tinha um carro, também gostava de dar umas voltas nos fins de semana e procurava companhia. Era só juntar a fome com a vontade de comer... O Galvão – esse era o nome de nosso amigo – aparecia numa quinta-feira à noite e dizia, por exemplo, “Vamos sair amanhã bem cedo para Madrid? Voltamos domingo”. Pronto! Tudo se acertava bem rápido, fazíamos nossas bagagens e partíamos descobrindo um “novo mundo” para nós. Mais tarde juntou-se ao grupo o Gilberto Mendonça Teles.

Em Lisboa também não ficava quieto. Levava-nos para conhecer a cidade, seus monumentos, as touradas, os arredores e as festas locais. Inesquecível

uma noite que passamos todos juntos na Feira Popular comendo sardinhas assadas na brasa com vinho verde! Em outras ocasiões, era a vez de nos levar a conhecer a noite lisboeta, a Mouraria, as casas de fado, o caldo verde e o bacalhau.

Devo a meu pai, nessa fase de Lisboa, o meu despertar para algumas coisas de que gosto e que até hoje cultivo sempre que a oportunidade se apresenta: ouvir o fado, degustar de uma boa mesa e de um bom vinho e pegar carona numa cauda de foguete.

Ele gostava de dançar. Dancei muito com ele. E na festa de seus oitenta e cinco anos, em 4 de julho de 1998, por sua iniciativa, dançamos um tango! (ou melhor, fizemos de conta). Querendo provocar a “platéia” entusiasmada com a “ousadia”, papai disse assim para mim: “Agora vamos dar uma corridinha”.

Assim como deixava que a alegria de viver se misturasse a seus sérios estudos, papai também permitia que o prazer de ler e o amor às letras invadissem um passeio, se este se revelasse enfadonho. Certa vez, em Madrid, – num dos passeios com o Galvão – fomos assistir a uma tourada. Domingo à tarde, mês de maio, Praça de Touros repleta. Estávamos nas arquibancadas. Na arena, seis touros seriam picados e mortos um a um, e os garbosos toureiros, a cada vitória sobre o pobre animal, seriam ovacionados pelo público em delírio. Começa o espetáculo monótono e colorido de sangue. Quando o terceiro touro entrou na arena, papai virou-se para mim e perguntou: “Aquele livrinho que te pedi para guardar ainda está na tua bolsa?” Esta foi a senha para que eu lhe desse o tal livrinho (de lingüística) que ele se pôs a ler, absorto, alheio à multidão barulhenta e exaltada. Certamente não foi embora porque nós, filhos, estávamos gostando da festa espanhola. De minha parte achava o espetáculo vibrante e os toureiros galantes e charmosos.

A calma e a serenidade eram, sem dúvida, traços essenciais de sua personalidade. Morder não fazia parte de seu figurino, mas se necessário fosse, sabia mostrar os dentes. “Não levava desaforo pra casa”. Papai devia ter uns quarenta e poucos anos quando “partiu pra cima” de um vizinho, tipo “valentão covarde” que empurrara meu irmão por “não querer que se andasse de patins em sua calçada”. Papai levou a melhor.

Os laços que o prendiam a sua prole levavam-no ainda mais longe do que meter-se em conflitos de vizinhança. O exemplo citado é, aliás, o único nessa categoria de luta, lembrado justamente por sua raridade. A canção que ele cantava para nos adormecer é a expressão do que ele não cessou de fazer a vida toda: velar a nosso lado. “Dorme/ e sonha comigo/ o teu doce amigo/ lá lá lá lá/ Dorme/ que eu fico a teu lado/ velando acordado/ lá lá lá lá”.

A vida muitas vezes nos convida a enfrentar combates de outra ordem, difíceis e dolorosos. São os tais momentos de mudanças, de decisões, de travessia, verdadeiras batalhas que temos de travar em nossa existência. Nessas horas, papai, sempre acompanhado de mamãe, estava a nosso lado, dizendo: “Meu filho, estamos aqui”. Não se afastava enquanto as espadas estavam erigidas. Consolava-nos, aconselhava-nos e nos apoiava sem ser indulgente quando precisava ser rigoroso. Exatamente como aquele “amigo de fé” do Roberto Carlos, dizia “a verdade com frases abertas” e era “o amigo mais certo das horas incertas”. Nas noites de tempestade e mar agitado, sempre ao lado de mamãe que o fortalecia, era o porto seguro e iluminado onde queríamos ancorar o nosso barco. A riqueza e a solidez de sua vida moral lhe permitiam nos trazer com frequência palavras de conforto, nos dar régua e compasso para traçarmos um caminho em meio a situações que nos pareciam caóticas. Era a bússola que nos guiava.

Há uma coisa que ele procurou nos ensinar com insistência: não temer nunca o adversário e a adversidade. Essa uma grande lição que nos legou.

### O cidadão indignado

Papai possuía um aguçado sentido de cidadania. Exercia-a sem cessar. Com olhos fixados nos grandes valores clássicos e o ouvido atento à atualidade, fazia da máquina de escrever sua trincheira. Não se calava diante dos desmandos e da desordem da República. É opulenta sua coleção de cartas enviadas a jornais de grandes circulação – nem todas publicadas – onde analisa decisões governamentais, enxerga suas maléficas conseqüências, denuncia injustiças e, sobretudo, clama contra o aviltamento do ensino, exige, das autoridades, o reconhecimento devido ao professor e o respeito que merece o cidadão cumpridor de seus deveres. Tais cartas revelam as inquietações que sombrearam seus últimos anos de vida. Nesses, em face da abundância de medidas nefastas ao bem-estar da nação brasileira, ouvi meu pai dizer a cada vez que os jornais anunciavam providências “milagrosas” para “salvar” o Brasil: “Está tudo errado! Ainda quero escrever um livro, *O país que dá certo*”. Cito este presumível título sem muita certeza. Mas era alguma coisa nessa linha. Ele queria escrever um livro para mostrar a incompetência dos tecnocratas e sua insensibilidade perante o sofrimento do povo, e propor medidas simples, legais e eficazes. Papai não tinha pretensão alguma de “salvar” o Brasil, é claro! No fundo, seu projeto era, penso eu, mostrar que com honestidade e seriedade muitos males poderiam ser banidos do cotidiano brasileiro, só isso.

Por tratar-se de um aspecto de sua personalidade observado não só por seus familiares mas também por amigos e colegas, gostaria de destacar alguns

trechos de cartas enviadas aos jornais. Não tenho como afirmar se as citações pertencem às cartas publicadas, pois não encontrei ainda (deve existir) o seu arquivo ou pasta das publicações na sessão *Cartas aos Leitores*. Mas posso afirmar que todas pertencem a cópias assinadas por meu pai (já consegui reunir em torno de trinta, datilografadas por ele). Verificar-se-á que os assuntos são variados, havendo, porém, forte predominância na questão do magistério. Selecionei uma dúzia de exemplos.

1 - Em face de uma questão jurídica que causava polêmica nacional, enviou o cidadão Sílvio Elia, em 21/12/94, uma carta aos jornais onde se lê: *“O Supremo não pode ser reduzido a um instituto de opinião pública. Como guardião da Constituição não deve ser conduzido por um suposto clamor público, mas agir de acordo com a consciência de seus ministros”*.

2 - Por ocasião da entrada em exercício de um novo governo, em janeiro de 1995, Sílvio Elia comenta o ambiente de *“forte otimismo”* e a *“inebriante euforia”* com palavras *“mágicas (e vãs)”* que entram no espaço político. E adverte: *“Por isso mesmo precisam as recém-empossadas autoridades responsáveis pelo destino desta infortunada República acautelar-se urgente e prontamente contra a sensação crescente de déjà vu que vai tomando conta de expressivas camadas da população. (...) Na verdade, o essencial faz (talvez porque dê trabalho) (...)”*.

3 - A propósito de uma comissão criada para *“investigar desrespeitos à dignidade humana”* na região amazônica, diz ele em 10/11/95: *“Note-se que, na Amazônia, foram demarcados espaços enormes (maiores que alguns de nossos estados) em terras de fronteira, para a deambulação de alguns milhares de indígenas. Enquanto isso, no Sul, centenas de sem-terra clamam por um pedaço de chão para trabalhar e produzir. Não seria mais justo dividir esses vastos espaços demarcados entre os sem-terra e os indígenas?”*.

4 - Em 18/01/96, sobre o *“show milionário que nosso alcaide fez realizar na entrada do Ano Novo”* qualificou a iniciativa de *“desastrosa”*, principalmente pela *“divulgação dos elevados cachês pagos aos participantes do espetáculo”* que *“chocaram a gente carioca, num momento em que a saúde e o ensino andam ao descabro no município e no estado, com médicos e professores miseravelmente pagos, sob a alegação de falta de recursos”*.

5 - Comentando salários da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, referentes a cargos que seriam extintos (R\$6.000,00 o nível mais alto e R\$1.600,00 o menor) pagos a agentes de segurança e a operadores de serviços diversos, Sílvio Elia pede que se compare este piso salarial com o teto salarial de um professor do ensino médio. *“O mesmo Estado que paga no Legislativo um piso salarial mínimo de R\$1.600,00 remunera os seus professores de ensino*

*médio, no fim de carreira, com um teto salarial máximo de R\$247, 59. Note-se que o professor de 1.º e 2.º graus é um profissional de nível superior, pois, para o exercício da docência, dele se exige diplomação universitária. Mais, para ser admitido no magistério do Estado, tem de submeter-se a concurso de provas e títulos. Dessa precária situação salarial decorre a inevitável evasão de professores e a deplorável falta de mestres nas salas de aula. Só não vê quem não quer. Nunca as condições do ensino no Rio de Janeiro, que já foi espelho para todo o país, chegaram a esse nível de abastardamento e deterioração”.*

6 - A carta acima data de 11/04/96, e já em 30 de agosto desse mesmo ano, em outra carta (esta com certeza publicada em *O Globo*) dirá “*Os professores do estado entraram em greve porque se tornou impossível continuar trabalhando com o salário indigno que recebem mensalmente de R\$247,59 para o piso do mais alto posto da carreira. O resultado conhecido é o da evasão de mestres, faltas ao trabalho. Queda do nível de ensino”.*

7 - Em defesa dos aposentados (também publicada em *O Globo* em 14/10/96) denunciou a “*ilegalidade*” e a “*iniquidade do ato pelo qual o Executivo da União mandou que fossem reduzidos os proventos dos aposentados*”. Ao terminar a carta dirige-se ao presidente: “*Ainda é tempo, senhor presidente, de devolver aos maltratados velhinhos a parte de seus proventos, que lhes está sendo surrupiada*”.

8 - A respeito de uma adequação salarial que seria feita no Banco Central em favor de seus funcionários, Sílvio Elia escreveu em 10/12/96 uma carta conclamando o leitor a analisar tal adequação. Sua argumentação se baseia na comparação dos salários inicial e final da carreira de magistério superior com os mesmos salários do funcionário do Banco Central. “*A carreira do magistério superior começa com o cargo de professor auxiliar, vencimento-base R\$424,65 e tem, no topo da hierarquia, o cargo de professor titular, com vencimento-base de R\$1.219,00. Com as gratificações de praxe, esses salários poderão dobrar; (...) Compare-se agora o salário inicial do funcionário do BC já adequado, R\$2.770,00, com o salário final na hierarquia universitária e tiremos nossas singelas conclusões. E, note-se, para alcançar o topo de Professor Titular, há que vencer os seguintes obstáculos: a) curso superior (graduação); b) título de Doutor (pós-graduação); c) aprovação em concurso público de provas e títulos. Como explicar a disparidade (a isonomia foi pelos ares)? Talvez porque passamos do regime jurídico da lei para o das medidas provisórias e já deixamos de ser uma democracia para tornar-nos uma oligarquia”.*

9 - Se dermos um salto para janeiro de 1997, vamos encontrá-lo indignado com a campanha promovida pelo governo contra o funcionário público, atri-

buindo-lhe a causa da situação falimentar do país. Bradou Sílvio Elia: “*Ora, todo mundo sabe que o descabro administrativo de prefeituras, estados e da própria União tem outra origem: está no clientelismo, na fraude, na sonegação. Esses os vilões que têm de ser enfrentados e não o indefeso funcionalismo de carreira (isto é, aquele que ingressa no serviço público mediante concurso), com arrocho salarial, demissões voluntárias (e custosas) ou compulsórias, perda de estabilidade, etc. Contudo, as fontes dos males acima apontadas, porque não estancados, continuarão a jorrar*”.

10 - Ainda em defesa dos aposentados humilhados pelo discurso oficial, criticou argumento defendido pelo Ministro da Educação, Prof. Paulo Renato de Sousa. “*Cruelmente injusto é o argumento apresentado por S. Excia. No que diz respeito à situação do aposentado.*” E a seguir cita as palavras do Ministro: “*Ele [determinado professor] se aposentou com salário integral e será reajustado sempre que os professores da ativa o forem. Isso não existe em nenhum sistema previdenciário. O Governo tem que pagar hoje outro professor para pagar a aula que ele não dá*”. Comenta então Sílvio Elia: “*Essa, perdoe-me S. Excia., é de cabo-de-esquadra. Põe abaixo todo sistema previdenciário. O aposentado estaria sempre usurpando o salário que o Governo se vê obrigado a pagar ao funcionário que vier a ocupar o seu lugar! (...) Na verdade o aposentado está recebendo os proventos de uma aposentadoria que já pagou antecipadamente*”. Esta carta é de 07/04/98. Quase um ano antes, em 05/06/97 ele terminava assim outra carta na qual criticava os “*benefícios*” do INSS: “*E assim o Governo embolsa alguns milhões retirados dos minguados proventos dos assalariados, que nunca sonegaram a contribuição devida ao INSS. Cumpre-se, pois, o triste fadário do presente Governo: os ricos cada vez mais ricos, os pobres cada vez mais pobres*”.

11 - Já nos aproximando de uma de suas últimas cartas, Sílvio Elia, em 21/05/98, veio em defesa da classe média contra a qual o Presidente Fernando Henrique Cardoso cultivava uma “*animosidade notória*” acentuada, então, por sua afirmação explícita de que “*os privilégios*” estariam nesta classe social. Contra-ataca Sílvio Elia: “*Como o Estado não produz bens materiais, que geram riqueza, é claro que eles provêm do trabalho da omitida classe média, que paga impostos*”. E termina: “*Eis a classe privilegiada que o nosso Presidente, intencionalmente, ou não, expôs à execração pública*”.

12 - Em 10/06/98, um exemplo da capacidade de Sílvio Elia em transformar sua indignação em uma tirada de bom-humor. Estávamos em plena campanha para a sucessão presidencial e ele vem propor, na sessão *Carta aos Leitores* (não sei se foi publicada) uma pequena minuta de programa eleitoral àqueles que pretendessem correr no páreo com o então pré-candidato à reeleição Fernando Henrique Cardoso. “*Embora não seja nem cientista nem analista*

*político, pareceu-me de bom alvitre vir trazer aos interessados aquilo que se me afigura como pontos sensíveis da atual conjuntura socio-política, a fim de que se apresentem os remédios capazes de devolver saúde ao corpo um tanto combalido da sociedade brasileira. Ei-los:*

*a) reforma administrativa: contra o funcionalismo público.*

*b) reforma da Previdência: contra os idosos e aposentados.*

*c) caos: invasão de propriedades alheias, saques de estabelecimentos comerciais, assaltos nas estradas a veículos de transporte de carga.*

*d) conseqüências nefastas: desemprego, corrupção, criminalidade.*

*A lista não é exaustiva, mas já dá para bom começo”.*

Nas eleições de outubro do ano passado, Sílvio Elia foi votar apesar de estar isento pela idade e pelo estado de saúde. Fui com ele, levei-o de carro à sua sessão. Teve de subir um andar na Escola São Tomás de Aquino. Subiu e votou. De volta para casa, comentou no carro: “Não sei porque, agora, ando um pouquinho e já fico cansado”. Em 3 de novembro de 1998 foi internado e o resto dessa história já conhecemos. Foi cidadão até os últimos instantes de sua vida.

### **O filme acabou e as luzes do infinito se acenderam**

Escrevendo e passeando, passeando e escrevendo deixou-nos também muitas recordações afetuosas por escrito. Todos nós temos cartas e postais que nos enviava das viagens. Nelas se mostra sempre interessado nas coisas que por cá continuavam, indaga, faz sugestões e recomendações. E principalmente mostra-se próximo, gentil e meigo. Pela suavidade de suas palavras, vou transcrever o postal mais antigo que tenho guardado, enviado de São Paulo em 6/VII/53 (assim está escrito por ele). A imagem é a de um bebê gordinho e rosado esticando os braços para pegar uma flor. O texto: “*Tina, Eu sei que você é teimosa e há de agarrar a flor. Mas para que existem as flores senão para te causarem alegria? Você está com saudades minhas? Não tão grandes, porém, como as que sinto. Calma que já vou chegar. Beijocas do Paizinho”.*

Paizinho, não há maneira de agradecer tudo o que você fez por nós. Que você esteja envolvido em muita luz e em plena paz na Casa do Pai, e de lá continue a velar por nós e a nos enviar afáveis mensagens.

Um beijo grande da Tina  
Rio de Janeiro, março de 1999

\*\*\*